

Aspectos da História

dos Jardins Botânicos no Mundo

e no Brasil – uma Abordagem sobre o
Jardim Botânico do Recife – PE*

Erika Audet de Almeida
Ana Rita de Sá Carneiro
Marccus Vinícius Alves

**Erika Audet de Almeida – arquiteta,
bolsista de aperfeiçoamento pela
Fundação de Amparo à Ciência e à
Tecnologia de Pernambuco – FACEPE no período
de maio de 1998 a janeiro de 1999,
Laboratório da Paisagem, Departamento de
Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal
de Pernambuco – UFPE**

**Ana Rita de Sá Carneiro – arquiteta,
Profª Drª do Departamento de Arquitetura e
Urbanismo, Laboratório da Paisagem / UFPE**

**Marccus Vinícius Alves – biólogo, MSc Botânica,
Professor do Departamento de Botânica,
Laboratório da Paisagem / UFPE**

HISTÓRIA

O jardim botânico é elemento essencial na conservação dos recursos vivos em uma perspectiva de desenvolvimento sustentável no meio urbano. É também pólo de alta importância e facilitador na geração de uma consciência ambientalista quando utilizado como instrumento educativo e de pesquisa científica, além de ser atrativo turístico.

Este estudo, que aborda aspectos da história dos jardins botânicos no mundo e no Brasil e sua importância para a evolução da cidade, deu ênfase ao do Recife, por ser uma das últimas áreas remanescentes de Mata Atlântica, inserida em uma Unidade de Conservação Municipal e que, portanto, merece atenção especial no planejamento da cidade.

As an essential element for the conservation of living resources considering the sustainable development approach on urban environment, the botanic garden is also a pole of high value and a facilitator in producing an environmental awareness when used as an educative and scientific research instrument, and also as a tourist attractive.

The purpose of this paper is to study historical aspects of the botanic gardens in the world and in Brazil, and how important they are in the cities development. A major emphasis to Recife's Botanic Garden was pointed out. Its localization inside of one of the Municipal Conservation area characterized for survived Atlantic Forest, should be considered specially in the city planning.

Aspectos da História dos Jardins Botânicos no Mundo e no Brasil – uma Abordagem sobre o Jardim Botânico do Recife – PE

Introdução

O jardim botânico, como pólo educativo e científico, constitui ambiente propício às investigações sobre a diversidade biológica a fim de fornecer subsídios para sustentabilidade urbana.

Além disso, a preocupação com a legislação ambiental no Brasil, dando origem às atuais Unidades de Conservação – UCs, surgiu com a criação dos jardins botânicos no século passado, a começar pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e mais tarde com alguns hortos florestais criados a partir de 1910. (Silva, 1994.)

Em Pernambuco, a idéia de jardim botânico teve início na época da colonização com a criação do Jardim Botânico de Olinda. Atualmente, localiza-se no Recife, o único jardim botânico do Nordeste brasileiro.

Neste trabalho, discute-se o conceito e a caracterização dos jardins botânicos, e analisa-se os aspectos históricos de suas influências no mundo e de sua criação no Brasil, a fim de resgatar a importância deste espaço no cenário das cidades. Este estudo foi realizado através de fontes bibliográficas, entrevistas com técnicos, visitas e fotografias de jardins botânicos nas cidades de Montreal, Paris, Toulouse, Porto, Londres, Saint Louis, Rio de Janeiro, Curitiba e Recife, como base comparativa e de conhecimento do tema. No caso do Jardim Botânico do Recife, além disso, foram levantados documentação e projetos existentes, e realizadas entrevistas com funcionários do local.

Conceitos e caracterização

A conceituação relativa às diversas modalidades de espaços livres públicos: parques, praças, recantos, pátios, jardins, etc.; ainda não está devidamente unificada no Brasil, já que não existe ainda um sistema nacional de espaços livres que os enquadre de forma homogênea. No entanto, o termo “espaços livres” segundo Macedo (1995) é usado por diversos grupos sociais com significados variados: ora ruas, ora jardins, ou referindo-se exclusivamente a áreas de lazer. Deste modo, considerou-se as definições do Cadastro de Parques, Praças e Refúgios do Recife (1996), que sintetiza a idéia de vários autores, incluindo a de Macedo (1995), para situar o jardim botânico no contexto dos espaços livres públicos. Estes conceitos resultam, na realidade, em uma única idéia de espaços livres dentro do contexto urbano, sendo o termo “livre” usado para significar “livre de edificação”. Deste modo, os espaços livres incluem além dos logradouros em geral, parques e praças, assim como os espaços ocupados por maciços arbóreos ao lado de ecossistemas naturais.

O referido Cadastro de Parques, Praças e Refúgios (1996) descreve ainda uma classificação hierárquica em várias esferas, de acordo com o uso, a cobertura vegetal, o raio de influência, o tamanho, os componentes e a configuração. Neste contexto, os jardins botânicos são caracterizados como espaços livres com cobertura vegetal predominante, de uso público, raio de influência local ou metropolitano, de tamanho variável, com componentes físicos naturais e criados e de configuração estético-paisagística peculiar. No entanto, além da função básica de amenização e lazer inerentes aos espaços livres, os jardins botânicos devem promover a conservação, classificação, avaliação e utilização sustentável do rico patrimônio genético oferecido pelas plantas (*Estratégias dos Jardins Botânicos para a Conservação*, 1990).

Sendo um dos tipos de espaços livres públicos, o jardim botânico, que possui uma função histórica e econômica muito maior do que comumente se pensa, pode ser interpretado como elemento estruturador do meio urbano, uma vez que constitui espaço livre referencial, geralmente situado nas proximidades da periferia das cidades, ao menos no momento de sua criação, exercendo, de certo modo, a função de pro-

teção ambiental pela paisagem em transição, entre o urbano e o rural, importante para o planejamento regional numa perspectiva de sustentabilidade urbana. (Woodhall, 1998.)

Influências no mundo - Europa e Estados Unidos

A importância dos jardins botânicos começou a ser pronunciada a partir do renascimento, na Itália, quando se planejou o primeiro jardim não apenas com funções estéticas e de amenização, mas também com a finalidade de agrupar informações científicas, através do cultivo de plantas medicinais e de proporcionar pesquisas; os então chamados *hortus medicus*. Desde então, verifica-se a importância econômica atrelada à história dos jardins botânicos.

Nota-se, portanto, que nas primeiras intenções de sua criação foi ressaltada a função de espaço verde de amenização compondo a estrutura da cidade.



Foto 1: Jardim Botânico de Pádua, na Itália, desenhado por Giovanni Moroni de Bergame em 1545 em um espaço circular de 84 metros de diâmetro, dividido em 16 seções
Fonte: Van Zuylen, 1997

Assim, em 1543, mais precisamente na cidade de Pisa, foi criado o primeiro jardim botânico. Seguindo o modelo de Pisa, em outras cidades italianas surgiram mais jardins botânicos, por exemplo, em 1545 em Pádua (Foto 1) e, em 1550 em Florença (Van Zuylen, 1997). Já na Inglaterra, o Jardim Botânico de Oxford foi criado em 1632, antes mesmo do Kew Gardens em Londres, iniciado em 1759. Como foi mencionado, a finalidade inicial do jardim botânico consistia mais especificamente em agrupar as informações trazidas com as primeiras rotas

de comércio para as Índias e Américas, como forma de manutenção, no país dominante, do conhecimento adquirido em terras estrangeiras. (Novais, 1979.)

Os Impérios foram se sucedendo, e o processo de mudança do poder foi acompanhado pela criação e evolução dos jardins botânicos em vários outros países. À medida que a Itália foi perdendo força no cenário da economia mundial, outros países tornaram-se mais opulentos, principalmente a Inglaterra, que detinha o poderio estratégico militar e econômico, e em menor escala Portugal e Espanha, o que refletia também na projeção maior ou menor dos jardins botânicos. (Novais, 1979.) (Foto 2)



Foto 2: Jardim Botânico da Ajuda, Lisboa, Portugal, montado pelo professor italiano de botânica Vandelli em 1764, a convite do Rei D. José. O Jardim de Aromas, feito para os cegos, anuncia-se desde o portão de entrada com o odor de manjerição e erva-cidreira
Fonte: Revista Atlantis, v. 01, 1998

Ainda hoje, os grandes jardins botânicos estão na Inglaterra, França (Foto 3) e Alemanha, países que permaneceram em evidência na escala mundial. Essa forte ligação do poder político e econômico com os jardins botânicos se explica justamente pela função de agrupar conhecimento científico e mais tarde tecnológico, pois o domínio no processo de colonização se deu, entre outros motivos, através do conhecimento das riquezas da região controlada.

Posteriormente, com a Revolução Industrial, a importância estratégica dos jardins botânicos foi reduzida à medida que a concepção dos valores mudaram, pois não se dependia mais exclusivamente do extrativismo e da comercialização dos produtos naturais.



Foto 3: *Jardins des Plantes, Paris, França, construído em 1576 por Luis XIII, como Jardim de Plantas Medicinais para o ensino. O Museu de História Natural e a riqueza científica tornaram-no um dos mais dinâmicos do gênero*

Fonte: Arneville, 1981

No entanto, já no século 20, percebe-se um novo impulso no desenvolvimento desses jardins. A ordem econômica do mundo começa a se preocupar com a questão ambiental, principalmente nos últimos 40 anos, não apenas pela devastação dos recursos naturais em si, mas também pelo que as áreas naturais poderiam oferecer à sustentabilidade das cidades como espaço de importância ambiental para equilibrar com o espaço construído, estendendo seu papel estratégico no planejamento urbano ao de instrumento de conscientização ambiental (*Estratégias dos Jardins Botânicos para a Conservação*, 1990). É a preocupação com o meio ambiente urbano, que fortalece a importância do jardim botânico como espaço livre e vegetado que deve ser considerado no planejamento da cidade. Desse modo, o domínio das informações que se detinha, através dos produtos extraídos das colônias entre os séculos 16 e 18, volta agora através do controle sobre as informações disponíveis nessas mesmas colônias – os países em desenvolvimento – uma vez que o avanço da tecnologia está diretamente associado ao poder econômico.

A importância do jardim botânico ressurgiu com base justamente neste aspecto, pois é através das pesquisas nele desenvolvidas que se pode obter a maioria das informações que são disseminadas e controladas por determinadas instituições localizadas nos países desenvolvidos.

Atualmente, os grandes centros de informação botânica no mundo estão na Inglaterra – Kew Gardens –, e nos EEUU – Nova York, Saint Louis e Chicago – (Shukla & Misra, 1989), que coordenam, de certa forma, os estudos desenvolvidos principalmente nas florestas tropicais, incluindo as do Brasil, fazendo parte inclusive do planejamento dessas cidades, como lugares incluídos nos roteiros turísticos e como parte integrante dos princípios do desenvolvimento sustentável.

Histórico da criação dos jardins botânicos no Brasil

Os primeiros jardins botânicos no Brasil (Quadro 1) surgiram a partir do final do século 18, com a finalidade de fornecer conhecimento sobre as possibilidades econômicas da flora local, já que o comércio português havia decaído frente à Holanda e à Inglaterra. (Segawa, 1996.)

Em 1798, no Pará, local estratégico em relação à Amazônia, foi criado e implantado o primeiro jardim botânico, em cumprimento à Carta Régia de 04 de novembro de 1796. Datam ainda do Brasil Colônia e do Império, entre os séculos 18 e 19, a criação de outros três jardins botânicos atendendo ao Aviso Régio de 19 de novembro de 1798 que foi dirigido às capitanias de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e São Paulo, além do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, instalado em situação especial. (Segawa, 1996.)

Quadro 1: Primeiros jardins botânicos criados no Brasil

1. Jardim Botânico de Belém no Pará, estabelecido em março de 1798
2. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, estabelecido em 1808
3. Jardim Botânico de Pernambuco (ou o Jardim de Aclimação das Plantas Exóticas de Olinda ou Horto D'el Rey), instalado em junho de 1811
4. Jardim Botânico de Ouro Preto, em Minas Gerais, efetivado em setembro de 1825
5. Jardim Botânico de São Paulo (ou Jardim Botânico Imperial), criado em 1799, sem ter funcionado efetivamente como estabelecimento botânico, sendo inaugurado em 1825, e logo mudado para Jardim Público de São Paulo em 1838

Na Bahia foi implantado, em 1815, um passeio público com intenções botânicas, assim como ocorreu na cidade de Belém, em 1806 e posteriormente em Curitiba, em 1886. Apesar do Jardim Botânico do Pará ter sido o primeiro, a história dos jardins botânicos no Brasil – com finalidade científica – teve início com a da vinda da família real portuguesa em 1808 para o Rio de Janeiro, quando então foi criado, nesta cidade, um Jardim de Aclimação não apenas com fins de amenização e lazer. (Foto 4)

Mais uma vez nota-se a importância dos jardins botânicos nesse momento de domínio da economia pelos portugueses no século 18. Enquanto Portugal esteve à frente na economia mundial, tendo a sede do Império no Brasil, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro teve seu momento de glória enquanto espaço destinado ao lazer, amenização e centro científico.

Percebem-se influências tanto inglesas quanto francesas no traçado e concepção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. A simetria, a demar-

Foto 4: *Chafariz do
Jardim Botânico do
Rio de Janeiro*
Fonte: Jardim Botânico
do Rio de Janeiro, 1992



cação do eixo central bem definido, a utilização da água para fins ornamentais, caracterizando o estilo francês, marcado pela expressão de poder, riqueza e rigidez na estrutura social. Por outro lado, uma certa flexibilidade do estilo inglês, tornando os caminhos e os corpos d'água curvilíneos e irregulares e tomando o partido dos conjuntos de árvores e espaços abertos existentes que enfatizam as linhas naturais da paisagem. Estas características podem estar diretamente relacionadas com a importância desses países, que exerceram influências culturais, de grande relevância em Portugal, na elaboração e implementação de projetos.

Nessa trajetória é importante registrar a forte relação que o jardim botânico teve com as transformações do cenário econômico mundial, pois sua atuação decaía na medida em que sua localidade – a capitania hereditária, no caso do Brasil – perdia destaque no cenário econômico nacional.

Os jardins botânicos brasileiros criados através da Carta Régia de 1796 e do Aviso Régio de 1798 não atenderam às expectativas, pois muitos deles foram utilizados ou criados como passeios públicos, já que não mantinham atividades científicas, e acabaram praticamente abandonados. Nota-se também que a variedade de denominações dadas aos jardins botânicos desta época – Horto Botânico, Jardim de Aclimação, passando por Passeio Público, apontam a mudança de funções que eles sofreram com o tempo, muitos deles talvez por não terem desem-

penhado funções botânicas bem definidas. No entanto, os objetivos traçados naquela época serviram de base para alguns desses jardins serem retomados posteriormente nas suas funções básicas e como parte integrante do contexto urbano. (Segawa, 1996.)

Dos jardins botânicos mencionados, o do Rio de Janeiro, possuindo 137 hectares (Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1992), foi o que melhor desempenhou suas funções, visto as circunstâncias em que se encontrava, merecendo destaque ainda nos dias de hoje, tanto pelas atividades científicas quanto pela função de espaço de recreação e lazer. O de São Paulo, com 36 hectares, apesar de não ter desempenhado totalmente nem a atividade recreativa nem a botânica na época de sua criação, é dos únicos que ainda hoje é utilizado como jardim recreativo para a população de forma bastante intensa.

O de Ouro Preto foi praticamente esquecido. Já o de Olinda, ainda em parte preservado com 26,10 hectares, e que se pretende recuperar inicialmente 16,80 hectares (Projeto de Revitalização do Horto D'el Rey, Olinda – PE, 1996), é propriedade privada desde 1859, pois não exercia mais a função de jardim botânico, além desta cidade ter perdido para Recife a condição de capital de Pernambuco (Foto 5). O de Belém, o pioneiro dos jardins botânicos brasileiros, foi extinto sem deixar muitos vestígios.



Foto 5: Antigo poço do Jardim Botânico de Olinda, o Horto D'el Rey
Fonte: Prefeitura de Olinda, 1996

De acordo com Segawa (1996), o esforço da Coroa Portuguesa no final do século 18, em organizar no Brasil uma série de estabelecimentos botânicos, demonstra a iniciativa portuguesa por uma “política de fomento ao desenvolvimento de plantas úteis à economia lusa”

Segundo a relação da publicação da Rede Brasileira de Jardins Botânicos (1997) podem ser considerados jardins botânicos aqueles localizados nas ci-

dades de: Baurú-SP, Belo Horizonte-MG, Botucatu-SP, Brasília-DF, Caxias do Sul-RS, Curitiba-PR, Niterói-RJ, Paulínia-SP, Porto Alegre-RS, Recife-PE, Rio de Janeiro-RJ, Santos-SP e São Paulo-SP.

Atualmente, os jardins botânicos de Curitiba, contando com aproximadamente 15 hectares, o do Rio de Janeiro (Foto 6) e de o São Paulo são os que merecem maior destaque por exercerem forte atrativo turístico.



Foto 6: *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*
Fonte: autores



Jardim Botânico do Recife

A inexistência de um jardim botânico em Pernambuco perdurou por cerca de um século, desde que foi extinto o de Olinda em 1859, até a criação do Jardim Botânico do Recife.

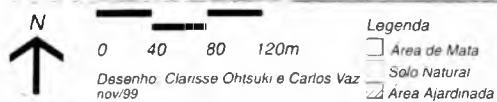
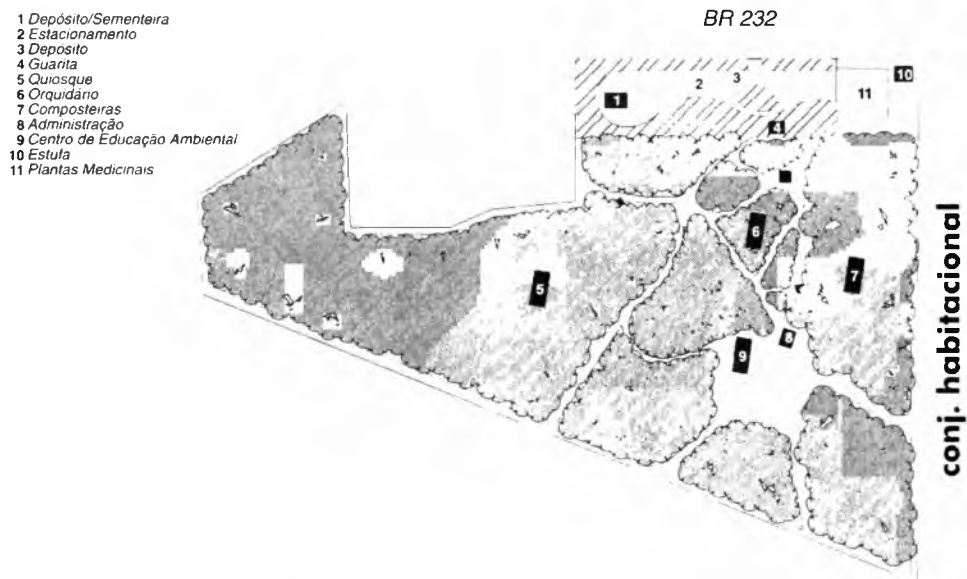
O Jardim Zoobotânico do Recife, que veio a tornar-se o atual Jardim Botânico do Recife, foi instituído em 1961, em parte da mata do Curado pertencente ao Instituto de Pesquisa Agropecuária do Nordeste – IPEANE, que doou essas terras à prefeitura do Recife em 1960. (Mesquita, 1997.)

Mapa 1: *Localização do Jardim Botânico no Recife*



Fonte: Mapa elaborado com base no mapa de zoneamento da lei de uso e ocupação do solo da cidade do Recife, 1996

Mapa 2: *Planta do Jardim Botânico do Recife*



Planta de Cobertura Vegetal
**Jardim Botânico
Recife/PE**

Fonte: Desenho elaborado com base na planta disponível no projeto de revitalização do Jardim Botânico do Recife, 1997

Na tentativa de incorporar aquele espaço à prática da ecologia urbana que vinha se desenvolvendo no planejamento do Recife, seguiu-se uma reformulação e, em 1979 ele passa a ser denominado Jardim Botânico do Recife, através do Decreto n. 11.341. Nesse momento, sob a administração do Departamento de Ecologia da Prefeitura da Cidade do Recife – PCR, define-se um programa de atividades que contempla as três principais funções dos jardins botânicos: conservação, pesquisa e educação ambiental. Propõem-se, de início, a conservação da vegetação nativa, restringindo-se aos limites do jardim botânico, isto é, *in situ*, sendo depois ampliada para outras atividades. Além disso, passa a fazer parte da Rede Brasileira de Jardins Botânicos – RBJB, e por conseguinte, da Botanic Gardens Conservation International – BGCI, sendo o único do Nordeste brasileiro reconhecido nacional e internacionalmente. (Mesquita, 1997.)

Contando com a área de 10,72 hectares, o Jardim Botânico do Recife localiza-se na porção sudoeste da cidade, incorporando-se à bacia hidrográfica do rio Tejipió, à margem da BR 232. Limita-se a leste com a Fundação de Amparo ao Menor – FAM e um conjunto residencial em construção, noroeste com a Composteira do Curado, ao norte com a faixa de domínio da CHESF – Companhia Hidrelétrica do São Francisco e a oeste com terrenos particulares e da Companhia Pernambucana de Saneamento – COMPESA, que estão parcialmente ocupados por assentamentos de baixa renda. Dispõe também de infra-estrutura viária e de transporte no seu entorno.

Uma vez que o Kew Gardens, um dos maiores jardins botânicos do mundo, começou com 3,5 hectares, e hoje conta com aproximadamente 270 hectares (The Royal Botanic Gardens Kew, 1987), a questão da área torna-se irrelevante no caso do Jardim Botânico do Recife para que este tenha uma história de sucesso.

Com a Lei Estadual n. 9.989/1987, este espaço livre passou à condição de Reserva Ecológica Estadual, juntamente com 39 outras áreas. Recentemente, com a Lei de Uso e Ocupação do Solo – LUOS, n. 16.176/1996, o Jardim Botânico do Recife unido às matas do Curado foi classificado como a Unidade de Conservação Municipal Jardim Botânico do Curado perfazendo um total de 113,66 hectares (Cadastro das Unidades de Conservação da Cidade do Recife, 1996). Além desta, 20 outras áreas foram classificadas como unidades de conservação num esforço municipal de proteger as áreas de relevante interesse ecológico.

O Jardim Botânico do Recife, hoje sob a administração da Secretaria de Planejamento Urbano e do Meio Ambiente – Seplama, abriga um pequeno remanescente de Mata Atlântica, detentor de riquezas de suma importância nos processos naturais e indispensáveis ao desenvolvimento sustentável. Foram catalogadas aproximadamente 80 espécies arbóreas, sendo em sua maioria visgueiros e palmeiras diversas, características de Mata Atlântica, que junto às restingas e aos manguezais, constituem a formação do sítio original e natural do Recife. (Cavalcanti, 1985.)

As principais funções desenvolvidas no Jardim Botânico do Recife são (Mesquita, 1997):

- Conservação (*in situ* e *ex-situ*): sementeiras de espécies nativas e medicinais, orquidário, arborização de logradouros com espécies nativas.
- Pesquisa: convênios e acordos (a partir de 1980) com as universidades, órgãos de pesquisa e fomento do governo e organizações não governamentais – ONGs, possibilitando estudos, pesquisas e experimentos e iniciando a montagem de coleções básicas para seu acervo técnico-científico.

Disto, resultaram um inventário das espécies vegetais do Jardim Botânico do Recife com herbário, carpoteca, xiloteca e biblioteca e exposição permanente sobre Mata Atlântica, além de um inventário e exposição sobre avifauna local e meliponários.

- Educação Ambiental: o Pólo de Educação Ambiental datando oficialmente de 1995/96, apesar de atuante a mais de 10 anos, atende alunos da rede escolar pública e privada, com visita guiada à Mata Atlântica e às instalações do jardim botânico, experimentos na oficina de reciclagem de papel, vídeos, teatros de marionetes, entre outras atividades ludo-educativas de interesse ambiental, recebe visitação de turistas, e oferece espaço de lazer contemplativo para os habitantes da cidade do Recife, além de ser sede do projeto vídeo – escola em conjunto com a ONG Auçuba e a PCR.

Hoje, o jardim botânico (Foto 7) apresenta um pátio de entrada com estacionamento e duas sementeiras, além da massa verde, entrecortada por alamedas e aléias, que conduzem a clareiras e às edificações, segundo um traçado espontâneo. A massa vegetal está comprometida

tanto pela falta de manutenção adequada, como parte de um projeto de revitalização que não constituiu prioridade política até então, como também por fatores externos, como a presença das propriedades no seu entorno, citadas anteriormente, além da existência de vários assentamentos populares e invasões nas proximidades. Os equipamentos, tais como o prédio da administração e os quiosques, encontram-se em precário estado de conservação, situados de modo aleatório no terreno e sem a sinalização necessária. (Foto 8) Além disto, a infraestrutura geral está bastante precária como, por exemplo, há falta de sanitários adequados, telefones públicos e lixeiras. A insuficiência de vigilância e de guias restringe o horário de visitação aos dias úteis e às visitas programadas com as escolas, apenas no turno da manhã. Além disso, a falta de sinalização nas vias de entorno dificulta o seu acesso.

O Projeto de Revitalização elaborado para o Jardim Botânico do Recife, pela Secretaria de Planejamento da PCR, em 1997, objetivou restaurar a importância do espaço e as funções primordiais, através da implantação da base física incluindo projetos de macrozoneamento e paisagismo, incentivo à pesquisa, e a ampliação das atividades de educação ambiental. A dinamização do Pólo de Educação Ambiental, hoje funcionando de forma bastante restrita, permitiria maior participação comunitária nas questões ambientais, evidentemente, como parte na intervenção mais ampla que infelizmente não foi realizada (Jardim Botânico – Projeto de Revitalização, 1997).

Visto que os critérios de preservação indicados para esta unidade de conservação abrangem o de refúgio da fauna e flora e de proteção da qualidade ambiental urbana, sua preservação torna-se necessária e indispensável. O fortalecimento das atividades de pesquisa científica e de educação ambiental possibilitará a sua integração em um futuro circuito ecoturístico da cidade, proposto pela Seplan, surgindo como ponto de partida.

Percebe-se que o Jardim Botânico do Recife não reflete uma tradição histórica e de uso como espaço livre junto à comunidade como ocorre nos casos de São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, dificultando assim o seu empreendimento e o seu resgate. Apesar de ter sido criado em uma área remanescente de Mata Atlântica, com um uso conceitualmente bem definido, merece uma maior divulgação para que sua utilização seja efetivada e incorporada pela população da cidade.



Foto 7: *Jardim Botânico do Recife (acesso)*
Fonte: autores



Foto 8: *Jardim Botânico do Recife – Centro de Educação Ambiental*
Fonte: autores

Frente à necessidade de espaços livres de amenização e lazer, o jardim botânico pode constituir uma área bastante valiosa na estrutura urbana da cidade, oferecendo ao mesmo tempo um espaço de amenização para a comunidade e de espaço de visitação turística com uma função científica. A valorização dos espaços livres e vegetados, pertencentes a um sistema e dentro de uma hierarquia, leva a uma interpretação da cidade a partir desses elementos estruturadores para a identificação das localidades e da orientação no espaço. A conscientização da comunidade, no entanto, é papel decisivo no êxito deste processo, devendo ser parte do planejamento desses espaços.

Considerações finais

Às vésperas do século 21 estamos em busca de soluções para problemas de várias origens, entre os quais aqueles causados pelo empobrecimento biológico no nosso planeta, devido ao desrespeito do homem pela natureza (*Estratégias dos Jardins Botânicos para a Conservação*, 1990).

Segundo dados recentes, é nos trópicos onde existem as maiores taxas de biodiversidade no mundo, e onde ocorrem cerca de 2/3 das espécies vegetais. Em contrapartida, é onde existe a menor quantidade de jardins botânicos, estando estes na maioria em regiões temperadas. Só na Europa há cerca de 400 jardins botânicos, região onde comparativamente ocorre um menor número de espécies. Dos cerca de 1.500 jardins botânicos no mundo, apenas 50% estão aptos a exercer uma prática de conservação dentro dos padrões internacionais estabelecidos na *Estratégia dos Jardins Botânicos para Conservação* (1990).

Neste contexto, o Jardim Botânico do Recife revela-se bastante peculiar, pois se trata de um recorte de Mata Atlântica dentro do perímetro urbano da cidade, o que constitui seu cenário principal.

A chave de todo processo pode ser a associação dos aspectos econômico-científico e social em prol da recuperação da qualidade de vida nas cidades. Essas preocupações atuais precisam ser transformadas em ações, como no caso do Jardim Botânico do Recife, que mesmo tendo área reduzida, em conjunto com os demais espaços poderá contribuir

em favor das condições bioclimáticas locais e colaborar na educação ambiental para as novas gerações.

A manutenção de um espaço agradável, onde se possa ter acesso à informação científica em uma linguagem fácil, desde a importância da massa de vegetação existente em determinado local e o que se pode explorar a partir disso sem comprometer o ambiente natural, permite despertar a consciência das pessoas para a preservação das áreas verdes, além de oferecer um espaço de lazer e de educação para os habitantes do lugar e para os turistas.

BIBLIOGRAFIA

- ARNEVILLE, Marie-Blanche d' *Parcs et jardins sous le premier empire*. Paris: Jules Tallandier. 1981, 254p.
- CAVALCANTI, M. G. *Aspectos da vegetação da Mata do Jardim Botânico*. Recife, 1985. Monografia (Conclusão do Curso de Ciências Biológicas) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pernambuco, 1985. 48f.
- ESTRATÉGIAS DOS JARDINS BOTÂNICOS PARA A CONSERVAÇÃO. (organizado pelo Prof. Dr. Heywood). Tradução por Patrícia de Oliveira Mousinho, Luis A. Pedreira Gonzaga & Dorothy Sue Dunn de Araújo. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1990. 69 p. Tradução de: *The Botanic Gardens Conservation Strategy*.
- JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Salamandra & Imprinta, 1992. 33p.
- MACEDO, Silvio Soares. Espaços livres. *Paisagem e Ambiente Ensaio*. São Paulo: Universidade de São Paulo, n. 7, p. 15-56, 1995.
- MESQUITA, Liana de Barros. *Análise do dossiê sobre o Jardim Botânico do Recife*. Recife: s. n., 1997. 17f. Parecer Técnico.
- NOVAIS, I. A. *Portugal e o Brasil na crise do antigo sistema colonial*. São Paulo: Hucitec, 1970. p. 72-88.
- RECIFE. (Cidade). Secretaria de Planejamento Urbano e Ambiental. *Cadastro de parques, praças e refúgios da cidade do Recife*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife. Seplama, 1996. 460f.
- _____. *Cadastro das unidades de conservação da cidade do Recife – Versão Preliminar*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife. Seplama, 1996. 120f.
- _____. *Jardim Botânico – Projeto de Revitalização*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Planejamento Urbano e Ambiental, 1997. 46f.
- _____. *Projeto de Revitalização do Horto D'el Rey, Olinda – PE*. Olinda: Prefeitura de Olinda – Seplama, 1996.
- REDE BRASILEIRA DE JARDINS BOTÂNICOS. Rio de Janeiro: s. n., 1997
- SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: Jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1996. 255p.
- SHUKLA, Priti, MISRA, Shital. *An introduction to taxonomy of angiosperms*. Calcutá: Vikas Publs, 1989, p. 27-58.

**Erika
Audet,
Ana Rita &
Marccus
Vinícius**

Aspectos da história dos jardins botânicos no mundo e no Brasil –
uma abordagem sobre o Jardim Botânico do Recife PE

SILVA, José Afonso da. *Direito ambiental constitucional*. São Paulo: Malheiros, 1994. 243p.

THE ROYAL BOTANIC GARDENS KEW. *Souvenir Guide*. Londres: London her Majesty's stationery office, 1987. 59p.

VAN ZUYLEN, Gabriëlle. *Tous les Jardins du Monde*. Decouvertes Gallimard/Art de vivre. [S.l.]: Editoriale Libreria, 1997. 176p.

WOODHALL, David. Development within the urban fringe needs to operate on a sustainable level. *Landscap Design*. Londres, v. 274, p. 3, out. 1998.

* Este artigo originou-se do trabalho desenvolvido pela primeira autora na disciplina "Ordenamento e Expansão dos Espaços Livres Públicos em Cidades dos Trópicos", no 2º semestre de 1997 pelo mestrado em geografia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, tendo sido em parte apresentado no IV ENEPEA (Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil), realizado em Florianópolis-SC, outubro de 1998. Contou com o apoio em informações e material bibliográfico cedidos pelos técnicos da Secretaria de Planejamento Urbano e Ambiental da Prefeitura do Recife, em especial Liana Mesquita e Zulmira Macedo, tendo como orientadores os professores Ana Rita Sá Carneiro e Marccus Vinícius Alves.